

A BIBLIOTECA MÓVEL ANÍSIO TEIXEIRA EM CAETITÉ-BA: leituras e leitores rurais.

Prof^a. Ma. Zélia Malheiro Marques - UNEB¹

“[...] As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho [...]”(BACHELARD, 1993, p. 26).

Resumo:

Este texto está vinculado à pesquisa “Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira”, (GRAFHO/PPGEduC/UNEB - Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade) e teve o objetivo de compreender como as práticas de leitura desenvolvidas por essa Biblioteca têm ou não constituído leitores. Os encontros de leitura realizados, no período de janeiro a abril de 2008, serviram para pensar as leituras imbricadas entre os ambientes urbanos e rurais. Do ponto de vista teórico, a pesquisa foi ancorada em estudos de autores que discutem a formação e a leitura, a partir da abordagem (auto) biográfica. As práticas de leitura da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira sinalizaram leitores não somente a partir dos impressos, mas em diálogo com as leituras culturais oriundas da oralidade local, sendo a leitura não somente vista pela utilidade, mas também como pertencimento e lazer.

Palavras-Chave: Biblioteca Móvel Anísio Teixeira; leituras, leitores rurais.

1. Leituras e leitores da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira (BMAT) em Caetité²: entre o rural e o urbano.

A ideia de pensar as leituras e leitores da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira³ veio

1 Zélia Malheiro Marques, Professora Mestra da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VI – Caetité-BA. (zeliacte@yahoo.com)

2 De acordo com Azevedo, 1980 apud Pires, 2003, p. 37-38 [...] A Serra geral já estava ocupada, desde meados do século XVII, pelos currais do Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, mas a criação extensiva de gado não propiciou o aparecimento de aglomerados urbanos importantes. Este fato só se concretizou com o fluxo e refluxo de garimpeiros que se iniciou no século XVIII, entre a Chapada Diamantina e as lavras de Minas Gerais, em decorrência da descoberta do ouro baiano. Caetité, situada à margem da mais importante estrada que ligava estas duas regiões, tornou-se ponto de parada obrigatória. Mais tarde, descobriu-se ali ouro e até diamantes.

3 A Biblioteca Móvel está vinculada à Biblioteca Pública da Casa Anísio Teixeira e atua, prioritariamente, na zona rural, em classes multisseriadas. Não é, portanto, um trabalho desarticulado do projeto como um todo pertencente à Casa Anísio Teixeira. É uma extensão que está permitindo à comunidade em geral o acesso à cultura e à educação, além de despertar o interesse pela leitura e para o aprendizado. É um projeto que tem o patrocínio das Indústrias Nucleares da Brasil e do Programa de Incentivo à Cultura – FAZCULTURA – do governo do Estado da Bahia. O acervo é composto de mais de mil livros, periódicos, vídeos e CDs. Abrange todo tipo de literatura, inclusive a infanto-juvenil; há livros didáticos e obras de referência (Atlas, dicionários e enciclopédias); está equipada com computador, tv, vídeo e proporciona atividades de animação (contadores de histórias, oficinas de arte-educação, exibição de vídeos, teatro, músicas, empréstimo em domicílio, bem como a orientação de pesquisas em meios tradicionais e digitais. (Projeto da BMAT, 2000).

favorecer aos leitores, colaboradores da pesquisa, as lembranças interiores em que os mundos do começo da vida trouxeram pensamentos e experiências numa relação parceira entre memória e imaginação: “Eu sou uma pessoa que as vezes mim sinto como um passarinho, não por ele voar ao espaço, mas por ele fazer seu ninho as vezes sozinho [...]” (Juscelma).

Sentir-se natureza e se colocar no lugar de outros seres parece ser para Juscelma, colaboradora da pesquisa, uma estratégia de poder adentrar-se ao mundo do sonho e de compartilhar histórias. Os leitores da BMAT falam como se soubessem compreender seus mundos particulares, quando os associam a outros elementos da natureza como os animais e as plantas e, com essa escrita, garantem significados às histórias pessoais.

Suas leituras trazem singularidades como essa em que optam por uma estruturação textual em que se faz possível combinar palavras e usar uma linguagem metafórica buscando conhecer possibilidades de como conviver com as ausências tão visíveis no lugar onde vivem: “[...] A leitura é o melhor caminho/ que nos abre uma porta secreta [...]” (Rosilene, Euzivânia e Carlana).

Falam da leitura como caminho para encontrar o que querem, seus sonhos, seus projetos de vida e, em meio às essas leituras, que a pesquisa 'Entre viagens, leituras e leitores, a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira', vinculada ao GRAFHO/PPGEduC/UNEB, foi sendo traçada, tendo o objetivo de compreender como as práticas de leitura desenvolvidas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, junto às escolas rurais do município de Caetité/BA, têm ou não constituído leitores. A partir daí, fez-se o mapeamento do itinerário de constituição leitora da BMAT, o contato com as práticas de leitura, os elementos caracterizadores do sujeito-leitor, seus aspectos pessoais e sociais e as relações em ambientes urbanos e rurais e a constituição leitora antes e depois da chegada da BMAT foi sendo revelada.

Os eixos temáticos como a formação e a leitura favoreceram o diálogo com teóricos como Nóvoa (1988), Pineau (1999), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006), Chartier (2001), Lacerda (2003), Cordeiro (2006), Abreu et al (2007). Com estudos dessa natureza, o ato de ler foi sendo apresentado de forma imbricada com a sociedade, favorecendo o diálogo entre os tempos, entre os fatos encontrados na história e na cultura local em que é possível ver leitores: “[...] A leitura é um hábito/Que todos nós devemos ter/ Pois é através dela/ Que ajudamos o Brasil a crescer [...]” (Carlana, Edilson, Vailton).

Os leitores trazem a leitura pelo viés da utilidade, mostrando possibilidades de desenvolvimento cidadão, a leitura como uma prática constante. Falam disso pela condição de registro dos encontros de leitura realizados. Foram vinte e cinco leitores da BMAT, moradores das comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, zona rural de Caetité - Bahia, 16 mulheres e 09 homens, leitores da BMAT e pertencentes ao ensino multisseriado do local. As narrativas autobiográficas relacionadas à constituição do leitor foram escolhas que favoreceram o desenvolvimento da pesquisa. Os diários escritos constituíram ação reflexiva, numa visão de que: “[...] O diário, por excelência, é um ato metodológico centrado no registro reflexivo da e sobre a prática, tendo como foco a consciência pedagógica [...]” (SOUZA e CORDEIRO, 2007, p. 48).

Com essa ideia de registro reflexivo pelas narrativas de leitura que se cruzam e entrecruzam-se, os diários produzidos foram revelando o cotidiano dos leitores, trazendo as lembranças de ambientes rurais como as escolas Janir Aguiar e Altair Públio, os antigos espaços de formação escolar dos colaboradores da pesquisa e a realização das práticas de leitura da BMAT.

‘[...] Sou atriz. **Atriz do palco da minha vida**, com o meu simples nome que inspira saudade, música, alegria e Felicidade (Irene), (Grifos meus). A expressão “Atriz do palco da minha vida”, usada por Irene, colaboradora da pesquisa, faz pensar os espaços urbanos e

rurais representados pelo ir e vir das pessoas do lugar e, ao falar em palco, as leituras da vida dos leitores da BMAT parecem simbolizar representação e vida, ora em contato com a educação urbana, ora com a rural. Assim sendo, mundos rurais e urbanos foram se entrelaçando: “[...] Falou em leitura/Falou em educação/Pois é lendo que aprendemos/A encontrar a educação/Falou em aprendizagem/Falou em libertação [...]” (Rosilene, Euzivânia e Carliana).

Da leitura dos diários escritos e apresentados, diferentes interesses caracterizadores do alto sertão baiano vão aparecendo e, em meio às dificuldades do lugar empírico, o ato de ler se apresenta como forma de enfrentamento de si e de questões sociais:

[...] Bom, não souberam me falar o ano, mas houve uma escola em que a professora era Maria Dolores, uma das moradoras da casa do Horto Florestal⁴ (INB), hoje não mora na comunidade. Então, ela registrou a escola e colocou o nome do lugar. Riacho da Vaca. Varginha foi desaparecendo aos poucos, hoje ninguém mais fala esse nome, só os mais velhos guardam na memória. Acho Riacho da Vaca mais bonito, já é bastante conhecido no município de Caetité e tem um terno de Reisado que é tradição da comunidade e o povo gosta muito. Riacho da Vaca, anos atrás era mais animado. Sentimos muita falta do pessoal que saiu por causa da indenização da INB. Hoje já estamos acostumados. (Demilton).

A narrativa de Demilton acena para o reconhecimento do local, apontando o desaparecimento de espaços educacionais. O tom saudosista de quem fala das faltas, como a saída do pessoal, a partir da chegada da INB⁵ sinaliza perdas, embora fale também em ganhos, como o museu geológico, idealizado para exposição dos minérios da região e o reisado, cultura local. Neste aspecto, em outros momentos, os leitores trouxeram o reisado ao apresentarem o diário nos encontros de leitura:

25 de dezembro, quando o galo deu sinal, ai meu Deus, que nasceu o menino Deus, numa noite de Natal, ai meu Deus. Os três Reis quando souberam, viajaram sem parar, ai meu Deus. Cada um trouxe um presente, pra menino Deus saudar, ai meu Deus [...]” (Elenilde e Silvanete).

O reisado está, pela possibilidade de apresentá-lo na época natalina e, pelo imprevisto, quando, por exemplo, acolhem os expectadores, mudando as palavras e mantendo o canto dos reis, como repentistas e apresentadores da roda de samba demonstrada na Casa Anísio Teixeira. Essas ações envolveram, também, os participantes que aceitaram o convite para integrarem à folia e à alegria manifestadas. Com a movimentação, a ideia de agregação fica evidente, conforme fazem com o Terno de Reis. De geração em geração, pela oralidade e com marcas na religiosidade da cultura popular vão garantindo o seu espaço de vivência cultural, como destaca Caldas (1999), quando discute a necessidade de compreensão das próprias especificações culturais.

Dessas leituras, é possível falar em terreno próprio para especificar os feitos

4 Museu Geológico organizado pelas Indústrias Nucleares do Brasil (INB), após processo de desapropriação de propriedades da região.

5 **Indústrias Nucleares do Brasil (INB).**

culturais, pelo que já fazem e pelo que ainda tendem a fazer⁶. Talvez, por esse envolvimento cultural, marca desses leitores, eles tenham sugerido o encerramento dos encontros de leitura através de festival⁷. Para comprovar o que foi dito, importante transcrever parte do longo poema, vencedor do festival de paródias e de poemas. Nele, há a reafirmação da ideia da leitura como utilidade, como forma de libertação de si e das questões que sinalizam a falta de estrutura do lugar onde eles vivem: “[...] A leitura em nossa vida. É uma eterna imensidão. Nos faz transparecer. No meio da multidão. Enfrentar outras fronteiras. Através da imaginação [...]” (Robério).

Da leitura da vida para enfrentar fronteiras e como forma de serem conhecidos, eles vão sinalizando a constituição leitora da BMAT, trazendo o gosto de brincar com palavras, como acena o poema de José Paulo Paes: “Poesia é... brincar com as palavras como se brinca com bola, papagaio, pião [...]”. O poeta diz que bola, papagaio e pião gastam, mas as palavras não. Então, convida o leitor a brincar de poesia. Nos colaboradores da pesquisa, é relevante o desejo de fazer poesia, parecendo dizer que aceitaram o convite do poeta. As palavras, no lugar da ausência dos brinquedos, trazem o prazer de vivenciar as práticas de leitura em que o ato de ler vem designar, também, o entretenimento, o ler em contato com a natureza e nos campos livres dos espaços rurais.

Nesse sentido, a BMAT, abrindo caminhos para incentivar a leitura, não só é vista como forma para emprestar livros, mas também é muita mais aceita pela condição das práticas de leitura. Os leitores passam a ler e manusear livros, dando passos para envolvê-los nas leituras de si, mas parecem gostar mais de inventar as leituras, partilhando o que sabem e o que aprendem:

A leitura está no ar, sinto em cada coração, a importância que ela tem na vida do cidadão, não apenas ler em livros, pois só isso não é leitura, os jornais, revistas e músicas, ler também nas gravuras. Alô galera do Riacho, alô galera de Caetité, vamos ler muito mais para o que der e vier [...] (Rosilene).

É visível o entusiasmo de Rosilene ao falar da vida pelo que “der e vier”, as práticas de leituras como forma de novas adesões e, como uma leitura que puxa a outra para o conhecimento de fatos, personagens, espaços, tempos de voltar, olhar o passado e perceber escolhas arbitrárias, decisões inadequadas, ações que poderiam ser diferentes. Nessa linha de discussão, importante trazer a ideia de Demilton ao dizer: “[...] Hoje já estamos acostumados [...]”, parecendo querer revelar uma necessidade de maiores escutas.

De qualquer forma, assim como em outros momentos da pesquisa, alçar o voo para a sintonia com o objeto da pesquisa, aparece como a questão a ser feita. Então, com pensamento nas perdas e ganhos dos caminhos da vida, com a ideia de Demilton, demais leitores e a constituição leitora da BMAT, os ganhos e perdas vão sinalizando compreensões e

6 Eles disseram e, também, já vi, em vários anos, o encerramento do reisado, normalmente, após o dia 06 de janeiro de cada ano. Todos os Ternos de Reis da região se encontram, em Caetité, para o Festival de Reis. No dia, na Praça da Catedral, após apresentação dos reisados, acontece a premiação dos ganhadores. (Cf diários do encontro de pesquisa, dia 29/01/2008).

7 I Festival Comunitário de Cultura, iniciativa dos envolvidos com os encontros de leitura para a pesquisa. A ocasião foi oportuna para firmar a parceria na continuidade da constituição leitora pela construção, no local, escola Janir Aguiar, de casa de cultura a ser acompanhada pela Biblioteca da Casa Anísio Teixeira. (Cf. diário do dia 27/04/2008).

discernimento, observando algumas perdas como inevitáveis; talvez, necessárias para o avanço na constituição do sujeito-leitor. Em outras, experiências, porém, impossível não pensar na sinalização feita pelo leitor, ou seja, as perdas que vêm pela imposição, quando se pensam, apenas, o progresso e o desenvolvimento econômico da região. Nesse caso, há histórias de leitura que falam de perdas pessoais e sociais em que acostumar-se não deveria ser o único caminho.

Dessa voz que fala, do silêncio que é escuta, às vezes, gritos tendem a se calarem. Então, no aprofundamento aos estudos de Faria (1998), ao falar que Mallarmé examina diversos modos de leitura em silêncio, até chegar aos espaços em brancos, como ressalta a autora: “Na obra de Mallarmé, a leitura em silêncio pode ser também a leitura do silêncio”. (FARIA, 1998, p. 231). Pensar o que seria leitura do silêncio aparece, então, como uma resposta, não a resposta e as perdas e ganhos da vida surgem como situações que estão para todos; algumas irreversíveis, outras não.

Assim sendo, do lugar onde há poucas condições de trabalho e de sobrevivência, lugar da falta de investimentos nas políticas para a valorização do homem que vive no meio rural, da falta de espaços para a propagação de materiais da cultura local, a pesquisa, paradoxalmente, quer, também, sinalizar alternativas, mesmo observando ausências como a falta dos impressos que impedia o contato com livros, revistas e jornais produzidos em outras regiões. Desse lugar, a Biblioteca Móvel Anísio Teixeira vem revelar uma forma de favorecer leituras e leitores. Não a única, é evidente, mas uma possibilidade de diálogo com outras formas tão ausentes no lugar.

Observar, portanto, a BMAT abrindo caminhos é bem significativo e um dos colaboradores da pesquisa assim a intitula: “O carrinho bonitinho”: “A biblioteca chegou, nós fomos visitar, fiquei muito pensativo e não parei de observar [...]” (Edilson). A afetividade está evidenciada, seja pela descrição dos preparativos para a vinda dessa biblioteca, a qual pode ser comparada com a espera de uma pessoa querida, seja pelo reconhecimento às ações realizadas pelos integrantes da equipe que a compõe:

[...] A professora Irene preparou juntamente com a gente, músicas e mensagens para desejar boas vindas à Biblioteca, no momento em que ela chegasse. Participei dos trabalhos da Biblioteca móvel três anos, aí concluí a quarta série e fui estudar em Maniaçu. Foi com esforço da professora Mara que a Biblioteca Móvel começou percorrer a zona rural, para que os alunos tivesse mais conhecimento, incentivando-os na leitura e atualizando mais o aluno. A Biblioteca Móvel ajudou muito a gente. Ela trabalhava com livros de boa qualidade. A leitura era feita através de textos, poemas, desenhos e pintura, filmes, oficinas, etc... Keila contava lindas histórias, Tião dirigia este carrinho, Fernando brincava ensinando a gente muita coisa. Cleidy fazia cestinha de jornal, e a minha professora tinha muito carinho, tenho saudades. Durante esses anos a Biblioteca me ajudou [...] (Demilton).

A acolhida à BMAT por parte dos leitores revela o quanto foi acertado escolher as escolas multisseriadas e rurais para desenvolver as práticas de leitura. Não somente pelo empréstimo dos livros, mas também pelas outras possibilidades de leituras observando os diversos gostos. Essas conclusões são identificadas no momento em que as narrativas escritas vão sendo apresentadas⁸. Essas leituras favorecem as lembranças do processo de constituição

8 “Felicidade Clandestina”, Clarice Lispector, “Herdando uma biblioteca”, Miguel Sanches Neto, “Álbum de Leitura”, Lílian Lacerda, dentre outros, foram

leitora e favorecem seus conceitos de leitura estabelecidos pelos leitores: “Para mim, **leitura é ler e viajar pelo mundo** afora através da imaginação descobrindo e conhecendo sempre mais e mais, novas coisas”. (Marinalva), (Grifos meus).

Pensando o porquê dessa forma de representação da leitura, ou seja, viagem pelo mundo ou como caminho de acesso à porta secreta, o diálogo com idéias de Ianni (2000), vem destacar a leitura como uma viagem revelando alteridades e favorecendo a recriação de identidades para desvendar pluralidades, também para os que viajam de forma imaginária, pela possibilidade de ouvir histórias, de lê-las, ou pela possibilidade de ver coisas, pessoas e signos de outras culturas.

Tem-se nessa viagem a ideia de uma ação leitora mais envolvente e o confronto dos textos traz as práticas de leitura da BMAT, ora como idealização, parecendo ser a única forma de solução de problemas, ora como entretenimento e prazer, falando do gosto pela leitura: “[...] Aqui em Riacho da Vaca, mais uma vez a comparecer, a biblioteca móvel, de grande desejo e lazer, trazendo orientações, para nós todos aprender [...]” (Rosilene, Juscelma, Geovane).

Os leitores falam da leitura como forma de enfrentar os desafios da vida: “Ser leitor é ser uma pessoa que sabe ter coragem e ser estudiosa do nosso país [...]” (Joaquim). “[...] Quem tem o hábito de leitura, deve amar e dar valor, pois é bom ler e maravilhoso ser leitor [...]” (Carlina, Edilson e Vailton). “[...] Leitura encanta a vida, informa, educa, é divertida. Em cada livro um amigo certo, se precisar ter alguém por perto”. (Marinalva e Anália). “[...] Eu vejo ela como se fosse minha família me incentivando a ler, as leituras têm sido muito maravilhosas [...]” (Carlina).

A BMAT é comparada à família, sendo incentivadora da leitura, favorecendo pensar a associação do ato de ler como socialização das leituras pessoais em espaços de cultura. A família, muito mais que a escola, é guardiã e incentivadora das histórias que dão significados à vida do sujeito-leitor, constituindo registros das leituras desejosas de serem feitas em parceria com as propostas da BMAT, a qual pode propiciar práticas de leitura, não somente para trazer o livro ao lugar que não tem biblioteca.

Vê-se a complexidade no ato de desenvolver iniciativas de leitura, no entanto é fundamental registrar a relevância da BMAT no lugar da pesquisa. Suas leituras têm sabor de envolvimento, de acolhida, de cuidado, inclusive fugindo da leitura padronizada e em obediência a modelos, com ressalta Mindlin: “[...] Não existem regras rígidas que possam ser estabelecidas e, menos ainda, obedecidas, indicando o que deve e o que não deve ser lido. É uma questão de gosto e de interesse pessoal: [...]” (2007, p. 104).

Com essa chave de leitura de não haver rigidez no favorecimento do ato de ler, nos diários da pesquisa há registros da compreensão do que se entende por leitura e pela atuação da BMAT: “[...] Ler é bom, ler é uma animação, faz lembrar os passados do fundo do coração. Faz também aprender a dar e receber educação [...]” (Rosilene, Euzivânia, Carlina). “[...] ela é uma biblioteca extremamente legal para quem sabe ler pra quem não sabe e para os analfabetos e assim vai em frente, ela nos ajuda em tudo [...]” (Euzivânia).

Ao separar leitores por categorias, ou seja, o que sabe ler e os analfabetos, Euzivânia, parece transparecer a ideia de que o leitor é somente o que tem escolaridade, vindo de encontro às outras falas, cuja visão de leitor, se diferencia. Na narrativa de Euzivânia – quem sabe ler e analfabetos - a BMAT para todos os leitores, sejam eles da oralidade ou os que já têm domínio da escrita, pode-se falar na ideia de BMAT que deseja não, apenas, garantir livros: “A Biblioteca Móvel Anísio Teixeira trouxe muitos livros para nós [...]” (Aparecida). “[...] Lembrando Silva (2004), quando diz que o leitor busca prender-se à leitura por considerá-la capaz de suscitar intuições da vida humana, há subsídios de como pensar a

importantes para impulsionar discussões da constituição leitora.

supervalorização das práticas de leitura da BMAT: “[...] ela nos traz mais conhecimento e mundos novos e abrem novas portas para o conhecimento [...]” (Anatália).

Numa linguagem metafórica, leitura para abrir novas portas, outra leitora traz a força do ato de ler, quando o leitor se vê em outros espaços, expressando o conhecimento de outros mundos:

[...] Eu me sinto emocionada ao falar da BMAT, pois ela nos trouxe muitos benefícios e um dos principais foi à prática da leitura, pois estamos vivendo num mundo de tecnologias avançada, onde os jovens não querem mais saber de ler, tudo é pelo computador e pela internet. E a BMAT nos incentiva a ler. Os jovens de hoje não querem mais saber de pesquisar em livros, pois na internet já se encontra tudo resumido e pronto. Os livros das bibliotecas, aos quais tenho lido tem me feito ver o mundo de outra forma, [...] (Silvanete).

Na defesa de Silvanete há a preocupação com o distanciamento dos leitores no que se refere à leitura dos livros em contrapartida à aceitação do ato de ler pela internet. Em muitas narrativas, os colaboradores da pesquisa buscam supervalorizar a leitura, parecendo querer revelar, em linguagem metafórica, mundos não conhecidos e falar do que é possível fazer enquanto leitores. Tomam a linguagem para pensar a vida, o que parece ser prática no cotidiano deles, na medida em que reconstroem sua constituição leitora e fazem da leitura, pelas várias vias, inclusive, a partir de livros como aborda Silvanete, destacando a escolha dos muitos leitores atuais pelo computador em lugar da leitura de livros. Com isso, acena para o espaço sociocultural, a leitura imbricada com outros instrumentos que favorecem o ato de ler como destaca Cordeiro (2006), ao falar de abordagem sociológica como epistemologia relativamente nova e da origem dos estudos culturais, conforme Chartier (2001), ressaltando o campo da História Cultural.

Pelo exposto, há o encontro com os estudos relacionados às práticas culturais de leitura pela possibilidade de discutir a formação leitora vinculada ao relacionamento imbricado entre leitura, cultura e sociedade. Nesse caso, a leitura é prática cultural e vai sinalizar as histórias de leitura oriundas da oralidade e outras vindas dos impressos. Com essas possibilidades, uma espécie de convite parece sinalizar os planos dos leitores para ampliar o projeto da BMAT, indicando o ato de ler, não só para a utilidade, mas também como oportunidade de diálogo com sua cultura.

Considera-se o programa de leitura da BMAT uma proposta que atinge poucos leitores, havendo a necessidade de ampliá-la para que dê conta de atender a realidade de educação rural do Município com área relativamente grande e com características semelhantes ao lugar empírico da pesquisa que considera a constituição leitora da BMAT como proposta relevante e muito aceita.

Dos ambientes citadinos e rurais, lugares do ir e vir da BMAT, pode-se falar na compreensão dos diversos espaços de leitura para pensar e projetar, no espaço e no tempo, as leituras, como quem entende o valor de projetos de leitura, fazendo o entrelaçamento das leituras que propiciam lembranças de mundos interiores e exteriores dos leitores, sendo possível identificar, como acena Bachelard (1993), as lembranças da casa e dos sonhos como significados para a vida leitora.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. (Org.). Percursos da leitura. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo:

Fapesp, 2007 , pp .9-15.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp.22-53.

BARRETO, A. M. **Memória e Leitura: as categorias da produções de sentidos**. Prefácio de Vanda Angélica da Cunha. Salvador: EDUFBA, 2006, 192p.

CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo, Brasil: Loyola. 1999, 133p.

CHARTIER, R. (org). Do livro à leitura. In: _____. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, pp.35-73.

CORDEIRO, V. M. R. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA – II CIPA, 2006. Salvador, **Anais do CIPA**, Salvador, 2006.

FARIA, Z. de. Mallarmé: concepções de leitura. In: MARQUES, R; BITTENCOURT, G. N. (Orgs.). **Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 227-242.

IANNI, O. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 12-232.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004, 285p.

LACERDA, L. de. **Álbum de leitura; memórias de vida, histórias de leitura**. São Paulo: UNESP, 2003, 498p.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

MINDLIN, J. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, M. (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007, pp. 101-114.

MURRAY, R. **Receita de olhar**. São Paulo: FTD, 1997. Savary. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projecto Prosalus. In.: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp 109-129.

PAES, J. P. **Poesia para crianças: um depoimento**. São Paulo: Giordano, 1996.

PINEAU, G. Experiências de aprendizagem e Histórias de vida IN Carré, P.; G, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas de Formação**. Col. Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget, Porto Alegre, 1999.

PIRES, M. de F. N. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830 - 1888)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

POIRIER, J. et al. **Histórias de vida: teoria e prática**. Trad. De João Quintela. Oeiras: Celta, 1999, 181p.

SANCHES, NETO, M. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp 9-36.

_____. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004, 140p.

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004, 115p.

SOUZA, E. C. de; CORDEIRO, V. M. R. Por entre escritas, diários e registros de formação. Revista de educação **PRESENTE**, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Salvador, Ano 15, n. 2, p. 44-49, jun/2007.